



RESENHA – UMA PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS: PROJETANDO FUTUROS SOCIAIS

GRUPO NOVA LONDRES. Uma pedagogia dos multiletramentos: projetando futuros sociais. Tradução de Deise Nancy de Moraes, Gabriela Claudino Grande, Rafaela Salemme Bolsarin Biazotti, Roziane Keila Grando. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 101-145, 2021.

Ricardo Tavares MARTINS
Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTA RESENHA](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 24/09/2021 • APROVADO EM 21/03/2022

Resumo

O Manifesto *A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures* foi publicado, em 1996, por um grupo de dez educadores que ficou conhecido como *The New London Group* (O Grupo (de) Nova Londres). Até hoje, o Manifesto, apesar de seu impacto no Brasil, não havia ainda sido traduzido para a língua portuguesa. Esta resenha é, então, sobre essa tradução. A tradução ficou a cargo das pesquisadoras do grupo de pesquisa “Multiletramentos, Hipermedia e Ensino” (GpMulti) da Unicamp, que conseguiram realizar uma tradução clara e robusta das ideias presentes no Manifesto na sua proposta por uma Pedagogia dos Multiletramentos.

Abstract

The Manifesto *A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures* was published in 1996 by a group of ten educators who became known as The New London Group. To date, the Manifesto, despite its impact in Brazil, had not yet been translated into Portuguese. This review is then about that translation. The translation was carried out by the researchers of the research group “Multiletramentos, Hipermídia e Ensino” (GpMulti) from Unicamp who managed to carry out a clear and robust translation of the ideas presented in the Manifesto in its proposal for a Pedagogy of Multiliteracies.



Entradas para indexação

Palavras-chave: Resenha. Grupo Nova Londres. Pedagogia. Multiletramentos.

Keywords: Review. New London Group. Pedagogy. Multiliteracies.

Texto integral

O Manifesto *A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures* foi idealizado em 1994, na cidade de Nova Londres, Estados Unidos, por um grupo de dez educadores¹. Após dois anos de discussões, em 1996, o Manifesto foi finalmente publicado na *Harvard Educational Review* e o grupo de dez educadores ficou, então, conhecido como *The New London Group* (O Grupo (de) Nova Londres - GNL).

Até hoje, o Manifesto não havia ainda sido traduzido do seu original em língua inglesa para a língua portuguesa. No ano em que se completam 25 anos da publicação do Manifesto, a revista *Linguagem em Foco* do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE) publicou sua tradução. A tradução do Manifesto foi publicada no volume 13, número 2 – Homenagem aos 25 anos da publicação do Manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos – que traz também outros textos (ensaios) relacionados aos multiletramentos, além da tradução.

As palavras das organizadoras da revista, na abertura desse número temático, enfatizam: “Esse artigo (o Manifesto), ainda que tenha muito impacto em documentos norteadores da educação brasileira, nunca tinha sido traduzido para o Português do Brasil.” A tradução ficou, então, a cargo das pesquisadoras do grupo de pesquisa “Multiletramentos, Hipermídia e Ensino” (GpMulti) da Unicamp liderado pelo professor Dr. Petrilson Pinheiro da Silva. A tradução mantém, basicamente, a mesma divisão de tópicos e subtópicos do original, com acréscimos de alguns novos elementos como quadros e notas de tradução a fim de organizar, contextualizar e guiar a tradução do Manifesto.

¹ São eles e elas: Courtney Cazden da Universidade de Harvard da Escola de Pós-Graduação em Educação, Estados Unidos; Bill Cope do Instituto Australiano de Línguas Nacionais e Letramento, do Centro de Comunicação e Cultura no Local de Trabalho da Universidade Tecnológica de Sydney e da Universidade James Cook de Queensland do Norte, Austrália; Norman Fairclough do Centro de Língua na Vida Social da Universidade de Lancaster, Reino Unido; James Gee do Centro Hiatt de Educação Urbana da Universidade Clark, Estados Unidos; Mary Kalantzis do Instituto de Estudos Interdisciplinares da Universidade James Cook de Queensland do Norte, Austrália; Gunther Kress do Instituto de Educação da Universidade de Londres, Reino Unido; Allan Luke e Carmen Luke da Escola de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Queensland, Austrália; Sarah Michaels do Centro Hiatt de Educação Urbana da Universidade Clark, Estados Unidos; e Martin Nakata da Escola de Educação da Universidade James Cook de Queensland do Norte, Austrália.

Logo de início, nas duas primeiras páginas, nos dois primeiros parágrafos, dá-se a introdução do Manifesto através de uma rápida contextualização feita pelas tradutoras. Apenas a partir do terceiro parágrafo, já na segunda página, a tradução começa de fato. Nessa rápida contextualização, as tradutoras destacam as mudanças sociais recentes apregoadas pelo Manifesto já na década de 90 e o impacto que essas mudanças vêm exercendo, desde então, na vida de professores e alunos levando à necessidade de uma nova pedagogia do letramento, chamada pelo Manifesto de Pedagogia dos Multiletramentos. Para tanto, se faz necessário sair das abordagens tradicionais e propor uma abordagem mais ampla de letramento para os aspectos cívicos, privados e profissionais das vidas dos alunos, possibilitando-lhes alcançar posições sociais diversas e se posicionarem criticamente diante das mais variadas situações.

A primeira parte da tradução do Manifesto é uma apresentação geral da proposta da Pedagogia dos Multiletramentos, uma introdução, por assim dizer. Nela, o GNL se mostra preocupado com os aspectos sociais que pudessem ter impacto na vida dos alunos e critica uma abordagem de letramento centrada apenas na língua e nas suas estruturas, pois essa abordagem, de acordo com os autores, não daria conta da diversidade cultural e linguística das sociedades e da multiplicidade de textos que, já naquela época, circulavam, sobretudo após o surgimento das tecnologias de multimídia. Então, era necessário iniciar discussões que centrassem a escola nesse novo universo de diversidades, apesar de movimentos contrários que pediam a volta dos cânones literários e das formas de prestígio da língua.

Nesse movimento de introdução, o GNL se apresenta, apresenta seus membros componentes, com o que cada membro trabalha e como suas semelhanças e diferenças impactaram a construção/estruturação do Manifesto e sua posterior publicação. Além disso, é justificada nessa parte a escolha do termo *multiletramento* para designar as multiplicidades cultural e linguística das sociedades e a multiplicidade de canais de comunicação e de textos que nelas circulam. É nessa parte, também, que o GNL introduz a Pedagogia dos Multiletramentos e como ela se realizará, bem como introduz o conceito de *design*.

Muita embora se trate de uma tradução, o termo *design* permaneceu em Inglês por escolha das tradutoras. Elas justificam a decisão de manter o termo *design* em Inglês se baseando em Pinheiro (2016). Para ele, e para elas também, o termo *design* comporta uma ambivalência que

engloba um sentido mais restrito, isto é, uma instanciação de convenções e recursos construídos e reificados socioculturalmente, como também apresenta um sentido mais amplo, que se constitui por meio de um processo de retrabalho, que leva à sua própria ressignificação/transformação. (PINHEIRO, 2016, p. 526).

Por isso e pela possibilidade da tradução do termo *design* não contemplar ou distorcer tal ambivalência, as tradutoras optaram pela manutenção do termo em Inglês. É importante salientar que, mesmo apoiando-se em Pinheiro (2016), o próprio Manifesto (THE NEW LONDON GROUP, 1996, p. 73-74) deixa clara a ambivalência do termo e o apoio das tradutoras no texto de Pinheiro (2016) se dá para critérios justificativos de não tradução do termo *design*.

Como dito anteriormente, a tradução do Manifesto mantém a mesma divisão de tópicos e subtópicos do original. O primeiro grande tópico abordado pelo Manifesto, após a introdução, foi traduzido como “O presente em mudança e o futuro próximo: visões para o trabalho, a cidadania e os mundos da vida”. Essas três instâncias – vida laboral, vida pública e vida privada – são centrais para o Manifesto, por isso as veremos a seguir em formas de subtópicos, assim como está organizado no Manifesto e na sua tradução aqui resenhada.

Dentro do primeiro grande tópico, há três subtópicos, dos quais o primeiro foi traduzido como “Mudando vidas no trabalho”. Nele, o GNL alerta para o crescente contato entre o mundo do trabalho e a educação de modo que é possível encontrar grande influência desta naquele. Para tanto, basta comparar o trabalho - e o trabalhador - dos períodos fordista e pós-fordista; aquele mais mecânico e este mais dinâmico. Nessa perspectiva comparativa entre os períodos fordista e pós-fordista é possível também observar a dinâmica das empresas e os discursos que nelas circulam, gerando novos ambientes de trabalho com novas relações e novas linguagens.

O GNL, contudo, faz uma crítica à relação entre o mundo do trabalho e a educação numa era pós-fordista. Critica duramente a orientação mercadológica imposta às escolas como se o único sentido da educação fosse a preparação para o mercado de trabalho. Orienta, também, que o papel do professor é ajudar no desenvolvimento da criticidade dos alunos que, provavelmente, ocuparão lugares no mundo do trabalho, contribuindo na formação não de trabalhadores dóceis que tudo aceitam, mas sim de agentes críticos.

O segundo subtópico, dentro do primeiro grande tópico, foi traduzido como “Mudando a vida pública”. Nele, o GNL argumenta como a vida pública vem mudando desde o fim da Guerra Fria com o estabelecimento do liberalismo como política de mercado, diminuindo o papel do Estado (público) e privilegiando o papel do mercado, mudando, de fato, o cenário da vida pública. Nesse novo cenário liberal, as questões de língua e letramento passaram a responder à lógica mercadológica, o que é fácil perceber na imposição das línguas nacionais e de suas formas canônicas e rechaço às variações linguísticas de menor prestígio e às línguas estrangeiras que não servem a propósitos econômicos.

O Manifesto traz, então, voz às questões de diversidade que passam a ser importantes em sociedades cada vez mais conectadas local e globalmente, advogando para que essa diversidade seja componente das práticas educativas. Para tanto, é importante que o Estado ocupe novamente seu lugar central para atuar nas garantias de promoção das diversidades em todos os setores possíveis da sociedade, sobretudo na educação, beneficiando, assim, todos os indivíduos envolvidos com acesso a repertórios culturais e linguísticos cada vez mais diversos.

O terceiro e último subtópico, do primeiro grande tópico, foi traduzido como “Mudando a vida privada”. Nele, o GNL inicia ressaltando as diferenças subculturais às quais estamos expostos e inseridos - gênero, etnia, orientação sexual, por exemplo - e que a ideia de uma sociedade padrão está cada vez mais longínqua. Com isso, o Manifesto acentua como essas diferenças subculturais são usadas pela mídia e pelos veículos de comunicação em massa para invadir a vida privada dos indivíduos e cita como exemplos os produtos do capitalismo que invadem a casa de

famílias - como videogames, brinquedos, TV, *etc.* - ou como a vida de pessoas públicas são expostas em notícias de jornais e revistas.



Não sendo de todo ruins de acordo com o Manifesto, a mídia e os veículos de comunicação em massa podem também ter um lado positivo ao darem voz a indivíduos que fazem parte de subculturas diferentes daquelas padronizadas, sobretudo com o uso de tecnologias de informação e comunicação através da internet como plataformas para dar voz a minorias, por exemplo. Além disso, a ideia de que as pessoas pertencem a diferentes comunidades pode não mais as isolar em minorias, no sentido de que um único indivíduo muitas vezes pode pertencer, simultaneamente, a diversas comunidades - por exemplo, a comunidade afro-brasileira, a comunidade cristã, a comunidade LGBTQIA+, *etc.*

O Manifesto encerra o terceiro subtópico, e, conseqüentemente, o primeiro grande tópico, chamando atenção para os espaços que a língua e a pedagogia do letramento devem passar a ocupar em mundos cada vez mais diversos e que se entrecruzam e se mesclam. As tradutoras nomearam de “Quadro 1 – o mundo da vida e a pedagogia do letramento” um pequeno esquema que aborda essas questões.

O segundo grande tópico do manifesto foi traduzido como “O que escolas podem fazer” e apresenta um subtópico traduzido como “O que escolas fazem e o que podemos fazer nas escolas”. Neles, no tópico e no subtópico, o GNL reflete sobre o papel de importância que a escola sempre exerceu socialmente e como esse papel vem mudando mediante as três esferas dos mundos da vida enfatizadas pelo Manifesto – laboral, cívico e privado. Antes, como instituição homogeneizadora, a escola preparava indivíduos para exercer suas funções sociais de forma padronizada nos mais variados ambientes e agora sua função deve ser trabalhar a partir da heterogeneidade constitutiva das sociedades, incluindo essa heterogeneidade nas suas práticas, conteúdos e currículos. É, portanto, a partir da heterogeneidade iminente das sociedades que deve se pautar a pedagogia defendida no Manifesto a fim de suplementar a pedagogia do letramento para uma Pedagogia do Multiletramento, criando condições e espaços na escola para o desenvolvimento dos alunos nos mundos da vida.

O terceiro grande tópico do Manifesto foi traduzido como “O ‘o quê’ na Pedagogia dos Multiletramentos” e apresenta três subtópicos. O primeiro deles, traduzido como “*Designs* de Sentido”, contempla o conceito chave de *design* e de seus correlatos: os *designs* disponíveis, o *designing* e o *redesigned*. Esse primeiro subtópico inicia justificando a escolha do termo *design* devido à contemporaneidade do mundo do trabalho e sua relação com a escola, à ambivalência do termo podendo indicar o produto e o processo e também porque o termo *design* não tem associações negativas para os professores, como pode sugerir o termo “gramática”, por exemplo. “É um conceito suficientemente rico para fundamentar um currículo de linguagem e uma pedagogia” (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 120), complementa o Manifesto em sua tradução.

Na sequência, são abordados os *designs* disponíveis, ou seja, o que há disponível na língua para significação e o *designing* que é o processo, cuja ação transforma os *designs* disponíveis em novas significações: “a transformação é sempre um novo uso de velhos materiais, uma rearticulação e uma recombinação de determinados recursos dos *designs* disponíveis” (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p.

123) que acaba culminando no *redesigned* que é o produto do processo de *designing* efetuado com os *designs* disponíveis.



No segundo subtópico, o GNL trata a respeito das “Dimensões de Significado” e, para tanto, propõe uma metalinguagem através de uma gramática funcional que poderá ser incluída no currículo para servir a alunos e professores. Trata-se de uma metalinguagem flexível e aberta numa gramática funcional para análise de gêneros e discursos em que alunos e professores sejam livres e não governados por regras como na gramática normativa, por exemplo.

No terceiro e último subtópico do terceiro grande tópico, o GNL aborda os “Elementos do *design*”. A introdução desse subtópico é feita lembrando que “uma das ideias-chave que explicam a noção de multiletramentos é a crescente complexidade e a inter-relação de diferentes modos de significado” (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 126) e identifica seis áreas principais nas quais as gramáticas funcionais (as metalinguagens) são necessárias: *design* linguístico, *design* visual, *design* sonoro, *design* gestual, *design* espacial e *design* multimodal. Este último sendo a interconexão das outras áreas.

Há um destaque, no Manifesto, para o *design* linguístico tendo em vista seu potencial de criação de significado através da língua e da capacidade comunicativa através dos recursos representacionais. No Manifesto, o *design* linguístico é discutido à parte dos outros cinco *designs*, mas isso não significa que não há uma intrínseca relação entre todos eles. Através de exemplos ao longo do Manifesto, o GNL destaca o potencial dos *designs* linguísticos e resume alguns deles num quadro que as tradutoras chamaram de “Quadro 3 – Elementos do *design* linguístico”. O quadro 3 traz, então, alguns desses elementos, como a modalidade, a transitividade, as coerências local e global, por exemplo.

Na sequência, o GNL discute a relação entre os outros elementos do *design* “para além do linguístico” (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 129) – visuais, sonoros, gestuais, espaciais e multimodais - chamando a atenção para este último tendo em vista a sua prevalência nos modos de comunicação das sociedades atuais e porque “em um sentido profundo, toda construção de significado é multimodal” (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 130). Juntamente à multimodalidade, o GNL, apoiando-se em Fairclough (1992a, 1992b), destaca dois conceitos-chave para os processos de criação de significados: o hibridismo e a intertextualidade, destacando o fato de que os elementos disponíveis na língua e nas culturas se hibridizam numa relação de comunicação e contato uns com os outros, em suma, numa relação de intertextualidade.

Para o penúltimo grande tópico, o GNL trabalha com “O ‘como’ de uma Pedagogia dos Multiletramentos” através de “Uma Teoria da Pedagogia” e para tanto divide esse grande tópico em quatro subtópicos: Prática Situada, Instrução Explícita, Enquadramento Crítico e Prática Transformada. Antes de detalhar cada subtópico, o GNL trata de antecipar uma questão importante, a saber:

Os quatro componentes da pedagogia que propomos aqui não constituem uma hierarquia linear, nem representam estágios. Em vez disso, são componentes que se relacionam de maneiras complexas. Cada um dos elementos pode ocorrer simultaneamente, enquanto um ou outro irá predominar em momentos diferentes, e

todos eles são repetidamente revisitados em diferentes níveis (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p.136).

Para o GNL, “a mente humana é corporificada, situada e social” (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 132). Assim, é nessa visão de mente que deve ser pautada a educação: a natureza do ensino-aprendizagem nas escolas, o currículo, as avaliações e, inclusive, as reformas escolares devem levar em consideração essa concepção de mente. O ser humano não aprende na abstração, mas sim em comunidades envolto em situações reais e práticas em contato com seus pares.

O primeiro componente da pedagogia proposta pelo GNL é a Prática Situada. “Essa é a parte da pedagogia que se constitui pela imersão em práticas significativas dentro de uma comunidade de alunos capazes de desempenhar papéis múltiplos e diferentes, com base em suas origens e experiências” (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 136). Na Prática Situada, o GNL destaca também a presença de um especialista - eventualmente o professor - que domine certas práticas para agir como orientador/guia dos alunos, recrutando as experiências anteriores deles e resgatando os discursos e os gêneros da(s) comunidade(s) na(s) qual(ais) os alunos se inserem. “Assim, a Prática Situada, que constitui o aspecto de imersão da pedagogia, deve considerar, principalmente, as necessidades e identidades afetivas e socioculturais de todos os alunos” (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 136). O especialista a cargo deve também ajudar a construir um ambiente para a Prática Situada que seja propício à participação dos alunos para que se sintam seguros em assumir riscos e poder contar com a ajuda de seus pares.

No entanto, o GNL adverte sobre alguns aspectos da Prática Situada. Em primeiro lugar, não há garantia de homogeneidade de resultados para todos os alunos envolvidos na Prática Situada; em segundo lugar, a imersão em situações na escola, por exemplo, são situações criadas que apenas se assemelham (ou imitam) o que acontece externamente à escola; em terceiro lugar, a Prática Situada não leva, necessariamente, ao desenvolvimento da consciência/percepção sobre o que se sabe e o que se faz; em quarto lugar, não há garantia que alunos sob a Prática Situada sejam capazes, posteriormente, de assumirem uma postura crítica; e em quinto lugar, há a problemática de colocar o conhecimento em ação, o que também não é garantido que o aluno o fará. É a partir dessas críticas que o GNL enxerga a necessidade de complementar a Prática Situada com outros componentes, como o componente crítico, por exemplo, que serão discutidos a seguir.

O segundo componente da pedagogia proposta pelo GNL é a Instrução Explícita. O GNL inicia enfatizando que a Instrução Explícita não é apenas “transmissão direta, treinos e exercícios de memorização mecânica” (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 137), mas sim as intervenções que o professor, ou outro especialista, realiza e que servem como andaime à aprendizagem, recrutando o que os alunos já sabem e já realizam. Assim, em colaboração com o professor, os alunos podem ser capazes de realizar tarefas que não conseguiriam realizar sozinhos:

Por meio dessas tarefas, os alunos se conscientizam da representação e da interpretação dos professores bem como de suas relações com outros aspectos do que está sendo aprendido. O objetivo aqui é a percepção consciente e o controle sobre o que está

sendo aprendido – sobre as relações intrassistemáticas do domínio que está sendo praticado. (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 137).



O terceiro componente da pedagogia proposta pelo GNL é o Enquadramento Crítico. O seu objetivo é que os alunos articulem a prática desenvolvida na Prática Situada com o controle e a compreensão desenvolvidos na Instrução Explícita para desenvolverem um senso crítico relacionado às relações históricas, sociais, culturais, políticas e ideológicas:

Sobretudo aqui, o professor deve ajudar os alunos a desnaturalizar e a tornar estranho novamente o que aprenderam e dominaram. [...] Por meio do Enquadramento Crítico, os alunos podem criar um distanciamento pessoal e teórico necessário em relação ao que aprenderam, criticar construtivamente, explicar sua localização cultural, estendê-la e aplicá-la criativamente e, eventualmente, inovar por conta própria, dentro de comunidades antigas e novas. (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 138).

O quarto, e último, componente da pedagogia proposta pelo GNL é a Prática Transformada. Nela, o GNL enfatiza a diferença da Prática Transformada para a Prática Situada, caracterizando-a como uma re-prática, “na qual teoria se torna prática reflexiva” (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 139). Cabe ao professor ajudar seus alunos a projetar e realizar novas práticas, de forma reflexiva, tendo em vista seus objetivos e valores.

O Manifesto encerra esse penúltimo grande tópico trazendo um pequeno resumo dos quatro componentes explicados. As tradutoras organizaram o resumo em forma de quadro e o nomearam de “Quadro 4 – Os quatro movimentos da pedagogia dos multiletramentos”.

Por fim, o GNL chega ao final do Manifesto apresentando o último grande tópico traduzido como “O Projeto Internacional dos Multiletramentos”. Nele, o GNL retoma grandes questões apresentadas ao longo do texto como o “o quê” e o “como” da Pedagogia dos Multiletramentos e as relações de diversidades (nem sempre amigáveis) entre os mundos de vida - trabalho, público e privado -, o conceito de *design* e seus correlatos. Tudo isso sem perder de vista a educação e suas questões discutidas ao longo do Manifesto:

O ensino em sala de aula e o currículo precisam se envolver com as experiências e os discursos dos próprios alunos, que são cada vez mais definidos pelas diversidades cultural e subcultural e pelas diferentes origens e práticas linguísticas que advêm dessa diversidade. (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 140).

As discussões finais alertam também para os caracteres geral e provisório do Manifesto ao passo que convida pesquisadores, professores e comunidades para o debate público a respeito das ideias apresentadas sempre enfatizando que a ideia do Manifesto não é criticar currículos e abordagens pedagógicas acerca dos letramentos, mas sim ofertar uma complementação no objetivo de criar os futuros sociais.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social power*. London: Polity Press, 1992a.

FAIRCLOUGH, N. Discourse and text: linguistic and intertextual analysis within discourse analysis. *Discourse and Society*, United Kingdom, v. 3, n. 2, p. 193-217, 1992b.

GRUPO NOVA LONDRES. Uma pedagogia dos multiletramentos: projetando futuros sociais. Tradução de Deise Nancy de Moraes, Gabriela Claudino Grande, Rafaela Salemme Bolsarin Biazotti, Roziane Keila Grandó. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 101-145, 2021.

PINHEIRO, P. A. Sobre o manifesto “A pedagogy of multiliteracies: designing social futures” – 20 anos depois. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 55, n. 2, p. 525-530, 2016.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. *Harvard Educational Review*, Massachusetts, v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996.

Para citar esta resenha

MARTINS, Ricardo Tavares. Resenha de: GRUPO NOVA LONDRES. Uma pedagogia dos multiletramentos: projetando futuros sociais. Tradução de Deise Nancy de Moraes, Gabriela Claudino Grande, Rafaela Salemme Bolsarin Biazotti, Roziane Keila Grandó. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 101-145, 2021. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 4-13, jan.-abr. 2022.

O autor

Ricardo Tavares Martins é mestre em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), possui especialização em Ensino da Língua Inglesa pela Universidade Regional do Cariri - URCA (2015) e licenciatura plena em Letras com habilitações em Línguas Portuguesa e Inglesa e nas suas respectivas Literaturas – URCA (2012). Iniciou carreira como docente em cursos de idiomas e escolas de ensino fundamental e médio (privadas e públicas) lecionando línguas portuguesa, inglesa e espanhola. Atualmente é professor EBTT (Ensino Básico, Técnico e Tecnológico) dedicação exclusiva Classe D II Nível 2 da rede federal de ensino no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSPE) onde atua nas disciplinas de Inglês, Português e Metodologia do Trabalho Científico. Faz parte do GELINSE – Grupo de Estudos Linguísticos do Sertão – onde concentra pesquisas nas seguintes áreas: Linguística, Linguística Teórica e Aplicada; Aquisição, Ensino e Aprendizagem de línguas (materna e adicional); Análise, aplicação e avaliação de

materiais didático-pedagógicos envolvendo (multi)letramento(s) e teorias discursivas, sobretudo a Análise do Discurso de linha francesa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5276-2678>.

